

**SOBRE UM SONETO E UMA CARTA DE CAMILO PESSANHA:
DUAS RETIFICAÇÕES**

PAULO FRANCHETTI
Universidade Estadual de Campinas

Em 1984, Maria José de Lancastre publicou a transcrição das cartas de Camilo Pessanha que fazem parte do pequeno espólio do autor pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa.¹ A carta de número 20, que no espólio corresponde à cota N1/33, inclui uma versão do soneto que na **Clepsidra** começa por "Quem poluiu, quem rasgou os meus lençóis de linho". Como se sabe, conhecem-se várias redações desse poema, todas consignadas nas notas que João de Castro Osório após às suas edições do livro de poemas de Pessanha. A que está na carta é, segundo a transcrição de Lancastre, a seguinte:

Quem rasgou e manchou os meus lençoes de linho,
Onde esperei morrer -- tão cheirosos lencóes?
Quem me arrancou o meu jardim de girassoos,
E tudo destroçou e lançou ao caminho?

Quem quebrou, n'um furor cruel e simiesco,
A mesa onde eu escrevia, uma tabua de pinho?
Quem me espalhou a lenha e me entornou o vinho,
-- Vinho da minha vinha -- o meu vinho tão fresco?

Alma de minha Mãe, dorme na tua cova.
Olha a noite, olha o vento. Em ruína a casa nova!
Dos meus ossos o lume o que se apaga breve!

Vem aquecer-te ao lar, não vagabundes mais,
Alma da minha Mãe, não andes mais à neve,
De noite a mendigar às porta dos casaes.

Em nota a esse poema, na p.109 de seu livro, Maria José de Lancastre faz o seguinte comentário:

João de Castro Osório traça um pequeno e inexato panorama das variantes (**Clepsidra 4**, págs. 499-504) [...] Quanto à versão incluída nesta carta, Osório de Castro {sic} erra ao transcrever “no caminho” (v.4) em vez de “ao caminho” e, sobretudo, não citando uma importante variante que não comparece em mais nenhuma versão: “a mesa onde eu escrevia, uma tábua de pinho?” (v.6).

A lição de Maria José de Lancastre foi seguida por António Quadros, que transcreve a carta com o poema no segundo volume das **Obras de Camilo Pessanha**, registrando apenas que aí se tem “uma das versões do conhecido soneto de **Clepsidra**”.²

Uma vez aceita, no entanto, como o foi por António Quadros, a variante do sexto verso precisaria ser destacada e comentada, pois implicaria acentuada modificação do sentido do poema. De fato, nas versões correntes reserva-se às quadras a evocação dolorida do passado, em que o **eu** expressa sua impotência e perplexidade frente à destruição dos símbolos da vida em algum lugar ameno e harmonioso. Já nos tercetos o foco da atenção é o presente, o esforço presente de sepultar a lembrança e o sofrimento que a acompanha. É possível mesmo enfatizar o fato de que apenas nos tercetos o **eu** do poema se identifica com o **eu** do poeta e daí entender, com A. Quadros, que nas “quadras **eu** é a mãe, o poeta identifica-se com a jovem, virgem camponesa, que, em vez de cumprir o seu destino natural de aldeã em casa modesta, mas honesta, foi **poluída**, violentada, desviada de uma imaginada felicidade campestre”³. A leitura de Lancastre altera bastante a linha de interpretação que vimos seguindo e praticamente inviabiliza a sustentada por A. Quadros, pois a palavra “escrevia” -- que dá idéia de continuidade, ação costumeira e repetida -- conota situações e costumes completamente destoantes do ambiente rústico e rural construído com os demais elementos nomeados na primeira parte do soneto.

Não é necessário, porém, que nos esforcemos para dar conta de qual teria sido o processo que levava Pessanha a introduzir no universo ligado à figura materna e à vida campesina a ação de escrever. Não é necessário porque não há tal variante. No texto da carta, que consultamos no referido espólio de Camilo Pessanha, está escrito “ceava”. Como se pode ler ali, não só a grafia de Pessanha permite indubitavelmente ler “ceava”, mas ainda só com despropositado (e inútil) esforço é que se pode ler “escrevia”, de modo que não há qualquer sustentação (nem no sentido geral

do poema, nem na consideração meramente grafológica) para a leitura inaugurada por Maria José de Lancastre.

Outra das cartas transcritas pela mesma autora também merece discussão. Trata-se da carta que na coletânea tem o número dezenove e no espólio a cota N1/45. Na verdade, o que temos no livro são fragmentos de carta escrita a Alberto Osório de Castro, datada provavelmente do tempo em que Pessanha ainda residia na hospedaria de Hin-Ki, isto é, do início de sua estada em Macau.

Eis o comentário com que Maria José Lancastre apresenta o documento:

A carta está consideravelmente mutilada. João de Castro Osório afirma na nota autógrafo que acompanha a fotografia da carta (a qual, infelizmente, apresenta além disso várias lacunas devidas à ilegibilidade da tinta), ter copiado para si as folhas (3 folhas) que não se encontram actualmente no espólio [...] A mutilação, com toda a probabilidade, embora não se possa atribuir a alguém em particular, foi intencional. Leva-nos a afirmá-lo o conteúdo muito privado da carta, que torna finalmente explícita uma velha suposição dos críticos e dos biógrafos que atribuíam a Pessanha uma amor por Ana de Castro Osório. O que deduzimos do trecho central e mais completo da carta é, em primeiro lugar, que houve uma troca de correspondência entre Pessanha e Ana de Castro Osório, antes do Poeta partir para Macau. Resulta evidente que Pessanha tinha declarado o seu amor epistolarmente e que Ana de Castro Osório lhe respondera negativamente. A carta que aqui reproduzimos é uma resposta a um pedido de explicação de Alberto Osório de Castro que, com toda a probabilidade, tinha sido posto ao corrente da situação pela irmã.⁴

Dá a concluir que a carta mencionada na “Canção da Partida” é a carta de Ana de Castro Osório é um passo, dado logo na linha subsequente.

Retomando este comentário, e tornando a paixão por Ana de Castro Osório o centro de sua biografia de Pessanha, António Quadros escreve o seguinte a propósito desse documento:

Segundo Maria José de Lancastre, não só há nesta carta passagens de difícil ou impossível leitura, mas também mutilações intencionais, destinadas a ocultar aspectos íntimos. Porventura, aventa, seja a carta que acompanhava a que Ana de Castro Osório teria enviado ao poeta, respondendo negativamente à sua declaração de amor. [...] A esta luz, a carta torna-se um pouco menos obscura... desvelando talvez até o sentido da "Canção da Partida", de Camilo Pessanha.⁵

Não sei se a impressão que tive, ao ler a carta 19 pela primeira vez no livro de Lancastre, foi muito descabida. A verdade é que, devido à advertência da organizadora, às linhas pontilhadas entre parênteses retos e à reiterada notação "lacuna" entre os mesmos parênteses, fiquei convencido de que a carta toda havia mesmo sido mutilada intencional e absurdamente. Provavelmente, como se insinua no texto acima, pelo mesmo João de Castro Osório que não se apercebera daquela variante no sexto verso do soneto.

Consultando o texto no espólio da Biblioteca Nacional, entretanto, minha impressão se alterou radicalmente. Em primeiro lugar, porque pude verificar que o documento sobre o qual se baseou a transcrição de Lancastre é a reprodução fotográfica de seis páginas da referida carta, que foi escrita sobre papel chinês estampado com desenhos de plantas e animais. Embora não haja menção dessa circunstância na recolha de Maria José de Lancastre, é a essa característica do papel e à forma de reprodução que se deve o fato de haver muitas palavras e passagens ilegíveis na carta -- as notações de "[lacuna]" no texto transcrito correspondem invariavelmente a passagens em que os traços da escrita se confundem com os traços do desenho.⁶ Não há, portanto, lacunas, no sentido estrito do termo, e não há qualquer tipo de ilegibilidade devida ao tipo da tinta, à caligrafia do poeta ou a adulteração intencional do documento. Quanto àquilo que poderia parecer a mais grave mutilação -- a subtração de três páginas do documento --, há, anexa às fotografias, a referida nota manuscrita de João de Castro Osório, que diz o seguinte:

Fotocópias
da carta de Camilo Pessanha
para A.O.C.
fls 1,3,4,5,6 e 8
não deu [fotograma ?]
mas copiei fielmente
as págs 2,7,9.

É perfeitamente plausível que as páginas restantes não fossem legíveis em fotografia, uma vez que a legibilidade depende aqui muito da cor e do tipo de estampa do papel. Já quanto ao desaparecimento das páginas copiadas à mão, não há o que estranhar, quando se conhece a triste história do espólio da família de João de Castro Osório.⁷

Devemos considerar, ainda, que, se tivesse havido alguma censura à carta, seria mais lógico que essa censura se tivesse exercido justamente sobre a parte central da carta, a que serve de base às ilações biográficas de Lancastre e Quadros. Essa, porém, permanece intacta e o que nela não é legível não o é apenas pela infelicidade de o poeta ter utilizado aquele especial tipo de papel de carta.

Há, no entanto, outro grave problema na transcrição desse documento. O texto que chegou até nós compõe-se, como vimos, de seis páginas reproduzidas fotograficamente, todas numeradas a lápis e à mão -- ao que tudo indica, por Castro Osório. Maria José de Lancastre, porém, não transcreve todas elas. Uma página e meia não vêm transcritas no seu livro: a página 3 inteira e a primeira metade da página 4. O trecho todo é de leitura bastante difícil, e é possível acreditar que talvez não valesse a pena transcrever as frases isoladas legíveis com segurança. O que é muito problemático é que não haja nenhum registro, por parte da organizadora, de que essas partes tenham sido omitidas, entre outras razões, porque a supressão de um trecho tão extenso sem dúvida intensifica o peso relativo da parte transcrita. Pudessem o leitor ter acesso às divagações de Pessanha sobre as gravuras chinesas que estava enviando ao amigo Alberto Osório, ou sobre a forma chinesa de prantear e enterrar os mortos, certamente se amenizaria o peso atribuído pelos comentadores ao constrangimento de Pessanha frente a Alberto Osório.

Há ainda vários pequenos problemas que acabam por, somados, desfigurar bastante o documento original e comprometer qualquer interpretação biográfica que se apóie sobre essa transcrição. O mais notável é, sem dúvida, a amplitude da marcação simples de "[lacuna]" no texto transcrito, que tanto recobre uma palavra ilegível, quanto várias, ou mesmo mudança de parágrafo com fim e início ilegíveis.

A interpretação do documento já foge ao escopo deste texto, que só pretende afirmar uma vez mais, e por meio de dois exemplos concretos, a necessidade urgente de que a obra de Pessanha seja objeto de um rigoroso trabalho de edição crítica. Não posso, no entanto, deixar de registrar aqui que a interpretação de Lancastre, secundada por António Quadros, me parece bastante problemático e algo inconsistente. A inconsistência provém principalmente do fato de que, aceita a leitura proposta, ficam totalmente incompreensíveis os dois últimos parágrafos do texto,

assim transcritos por ambos os autores:

“Mando-lhe uma carta de meu irmão Francisco. Por ella verá que tenho de [lacuna] -- compromisso tomado quando, depois da resposta da Sr^a D. Anna, me tinha resolvido a ficar solteiro até que o enfraquecimento (sic) da vontade me fizesse aceitar qualquer mulher. O casamento nas circunstâncias em que actualmente estou, seria para a Sr^a D. Anna um terrível sacrificio. E como poderia ir agora a Portugal?

Daqui por tres annos, ou quatro, creio que estarei melhor. [lacuna] Africa. Mas devo [lacuna] o que quem sabe se a poderei cumprir? E [lacuna] a Sr^a D. Anna teria a coragem de esperar, principalmente depois de tantos annos em [lacuna] [.....]”

A hipótese de Lancastre é -- recordemos -- que Pessanha se havia declarado a Ana de Castro Osório, tendo sido por ela recusado. Tal recusa estaria tematizada na “Canção da Partida” e vinculada, portanto, ao exílio voluntário do poeta. Considera também a autora que, interpelado sobre o incidente por Alberto Osório de Castro, Pessanha busca explicar-se por meio da carta em questão. Ora, aceito o enredo, como entender o que parece a clara indicação de que Ana de Castro Osório ainda estivesse disposta, por ocasião desta carta, a se casar com o poeta? Ele, por sua vez, é que parece agora desejoso de adiar o enlace, embora não julgasse justo fazê-la esperar ainda alguns anos. Esta leitura, com todas as implicações decorrentes, é menos sustentável do que a esposada por Lancastre e Quadros? Sinceramente, não sei. Nem sei se, dadas as condições do documento, vale a pena apostar em qualquer delas.

Durante muitos anos, a herança literária de Pessanha foi ferrenha e apaixonadamente disputada por João de Castro Osório e, em boa medida, objeto de seu acesso exclusivo. No afã de superar essa fase dos estudos camilanos, de liberá-los daquela espécie de monopólio que o filho de D. Ana tentou a vida toda afirmar e preservar, cai-se hoje freqüentemente no extremo oposto. Não parecem resistir ao movimento do tempo nem mesmo aqueles que, como a organizadora das cartas, patenteiam sua admiração pela família a que pertenceu Castro Osório. Descobrir variantes desprezadas ou não consignadas pelo editor das sucessivas versões da **Clepsidra** e mostrar os limites do mesmo enquanto comentador e biógrafo de Pessanha tem sido a tônica das publicações mais recentes. É o caso dos dois textos que vimos comentando, que acabam por lhe atribuir a mais

crua manipulação e adulteração dos documentos autógrafos do poeta.

Sem querer negar o possível efeito salutar dessa contestação de monopólio, e sem tampouco pretender transformar estas páginas numa tribuna em defesa do editor da **Clepsidra**, é preciso registrar apenas, a bem da verdade, que nos dois casos em questão não lhe cabe a menor censura: sua leitura do soneto é correta e, quanto à carta, não há o menor sinal de que tenha sido objeto de ação mutiladora por parte de João de Castro Osório.

NOTAS

1. Camilo Pessanha. **Cartas a Alberto Osório de Castro, João Baptista de Castro e Ana de Castro Osório**. (Recolha, transcrição e notas de Maria José de Lancastre). Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
2. Camilo Pessanha. **Contos, crónicas, cartas escolhidas e textos de temática chinesa**. (Introdução biográfica e crítica, organização e notas de António Quadros). Publicações Europa-América, 1988, p.89. Estranhamente, quando registra em notas as variantes dos poemas, António Quadros não faz qualquer referência à estabelecida e enfatizada por Lancastre.
3. Camilo Pessanha. **Clepsidra e poemas dispersos**. (Introdução biográfica e crítica, organização e notas de António Quadros). Europa-América, 1988, p.34.
4. Camilo Pessanha. **Cartas...** Cit., pp.106-107.
5. A transcrição da carta no livro de António Quadros é a reprodução fiel do texto apresentado por Maria José de Lancastre. O comentário transcrito encontra-se em nota de rodapé na p.88 de **Contos, crónicas...**, cit.
6. É possível que os desenhos fossem de outra cor que não o preto que adquiriram na reprodução fotográfica. Se assim fosse, o documento original seria legível, devido ao contraste das cores, eliminado na reprodução monocromática.
7. Como se sabe, depois da morte de João de Castro Osório, os papéis da família se dispersaram. O que a Biblioteca Nacional posteriormente adquiriu é apenas uma pequena parte, bastante fragmentária e desorganizada, de um conjunto que tudo indica ter sido cuidadosamente coligido e anotado. A carta apresenta, porém, uma mutilação real, anterior à posse de João de Castro Osório, que não é referida por Maria José de Lancastre: falta-lhe a página inicial. A que João de Castro Osório considera a primeira e ela aceita como tal evidentemente não o é, porque desprovida das habituais indicações de lugar e data e da nomeação do destinatário.